

12/07/2019 - 05:00

É o fim da Igreja Católica como a conhecemos, diz autor de "No Armário do Vaticano"

Por **Olga de Mello**

Quanto mais conservador e homofóbico se mostra um cardeal ou bispo católico, mais intensos e secretos são seus relacionamentos homossexuais. Esses conservadores, que dominam a cúpula da igreja, emperram qualquer tentativa de adaptar a doutrina aos tempos atuais, mantendo distância de questões como a contracepção, a união civil de casais gays, divórcio, homossexualidade e celibato dos padres.

As afirmações estão em "No Armário do Vaticano" (Objetiva), do jornalista e sociólogo francês Frédéric Martel, que entrevistou mais de 200 pessoas, entre sacerdotes católicos, diplomatas, ex-funcionários do Vaticano, guardas suíços e homens que se prostituem e têm padres como clientes habituais.

O livro foi traduzido para 20 idiomas, com mais de 350 mil cópias vendidas desde o lançamento na Europa, em fevereiro. Apesar do título original, "Sodoma", o livro não se presta ao "outing", a prática de revelar a sexualidade de quem a esconde publicamente. Nem sequer esclarece quem seriam os três homossexuais entre os últimos cinco papas - fato que, observa, seria de conhecimento no Vaticano.

"Quando falo sobre homossexuais, não quero dizer que eles são aberta ou ativamente gays. Alguns não fazem sexo. São homens que pertencem a uma cultura de sublimação da vida sexual e representam a maioria silenciosa do Vaticano, mantendo segredo sobre sua homossexualidade", afirma Martel, que está no Brasil para divulgar o livro e participa da mostra paralela da Flip.



Frédéric Martel entrevistou mais de 200 pessoas, incluindo 120 sacerdotes

YkLOvS5PNgQ

Frédéric Martel: "En la Iglesia cuanto más homófobo en público"



Para compreender esse fenômeno é preciso levar em conta a idade dos bispos e cardeais que estão no primeiro escalão do Vaticano. O sistema eclesiástico oferecia proteção, instrução privilegiada, sustento e prestígio a homens jovens, que, sete ou seis décadas atrás, eram perseguidos ao não demonstrarem atração por mulheres. "A maioria dos cardeais, os príncipes dessa teocracia, tem entre 70 e 75 anos. Não vivem no mundo atual, mas no que conheceram em 1940 e 1950. Permanecem presos a preconceitos daquela época, à vida dupla, às mentiras, à homofobia."

Com sacerdotes católicos foram gravadas mais de 120 entrevistas por Martel, que, ao longo de quatro anos, teve colaboração de 80 pesquisadores, tradutores, jornalistas e advogados em 30 países. O acobertamento dos abusos sexuais pela igreja teria a conivência de cardeais e bispos ativamente homossexuais. A maioria dos casos registrados é contra meninas ou mulheres; no âmbito da Igreja Católica, até 85% das vítimas são meninos ou homens.

"Os abusos sexuais na igreja são, majoritariamente, abusos homossexuais. Quem protege o abusador, está protegendo a si mesmo. Por trás dos abusos estão o celibato e a castidade, praticados, provavelmente, por menos do que 10% dos sacerdotes", diz. "O problema não está na homossexualidade, mas em mentir e reprimir a sexualidade. Se a maioria de bispos e cardeais é gay, a igreja não tem outra solução além de alterar sua visão doutrinária sobre a castidade e o celibato, que são profundamente contrários à natureza."

"Acredito que um dia padres poderão se casar, haverá ordenação sacerdotal para mulheres e a homossexualidade será aceita pela igreja." Um primeiro passo para mudanças pode vir do Sínodo da Amazônia, em outubro. Bispos do mundo todo estarão em Roma, com uma pauta que inclui a discussão sobre a ordenação sacerdotal de "idosos, preferivelmente indígenas, respeitados e aceitos por sua comunidade, ainda que já tenham família constituída e estável" para trabalharem nas áreas "mais remotas" da região amazônica.

Martel diz que a estratégia de Francisco é admirável e inteligente. "Ele quer usar a Amazônia para experimentar a ordenação de homens 'virii probati' - maduros e casados", diz. A ideia já existia nos anos 60, e o papa Francisco já a havia anunciado no jornal alemão "Die Zeit". "Em vez de abrir o sacerdócio para as mulheres, o que deflagaria uma guerra aberta contra os conservadores, ele encontrou uma forma astuta de combater o declínio das vocações e ainda reduzir o número de padres gays", afirma. "Mas pode acirrar a guerra interna no Vaticano, já que a medida pode ser estendida a outras regiões."

As mudanças no perfil conservador da igreja são perseguidas pelo papa Francisco há pelo menos dois sínodos. Suas propostas de modernização, no entanto, acabaram derrotadas pela maioria de cardeais de extrema-direita, observa Martel. Uma modernização que ocorre em ritmo vagaroso, porém pode vir a ser percebida em breve, com a aposentadoria compulsória dos cardeais de 75 anos e a perda do direito a voto aos 80. Francisco não demonstra a mesma complacência com acusações de pedofilia de outros papas.

Segundo Martel, a igreja vive uma crise grave no Chile, Peru, na Argentina, Colômbia e no México, com seguidos escândalos de pedofilia e abuso sexual. "Estamos acompanhando o fim da Igreja Católica que conhecemos", diz. "Francisco tenta escrever uma nova página, mas temo que ele esteja muito velho e tenha uma saúde frágil para ser o grande papa que nossa época merece." Para o autor, se Francisco viver por mais dez anos, "a igreja muda para sempre". "Se morrer ou sair do cargo em dois anos, a situação atual permanece. Ou pode até haver um retrocesso."

Apesar de demonstrar empatia por LGBTIs, Francisco não se mobiliza em defesa dos direitos dos gays. Para Martel, o papa é, antes de tudo, um jesuíta argentino, peronista, de 82 anos, progressista em relação às causas sociais e conservador quanto a assuntos de família e sexualidade.

O papa, segundo o autor, é um homem de sua geração, influenciado pela Teologia da Libertação, que enfatiza os temas sociais mais do que as questões de raça ou gênero. "Ele fala sobre as periferias em termos geográficos, como a América Latina, ou existenciais, referindo-se a imigrantes, refugiados, divorciados ou as pessoas LGBT", diz. "Está certo em pretender evangelizar e servir aos católicos da Ásia, da África e da América Latina, mais do que de Paris ou Roma." Para Martel, o catolicismo é uma espécie ameaçada na França, Alemanha e até na Espanha, mas floresce nos Estados Unidos, graças a mais de 50 milhões de mexicanos, no Brasil e na África. "Como maior país católico do mundo, o Brasil é mais importante do que a França para ele." Segundo Martel, Francisco leu seu livro. "Ele gostou", diz.